



**Apontamentos sobre o método dialético em
Karl Marx**

Marcos Cordioli

A Casa de Asterion

**Apontamentos sobre o
método dialético
em Karl Marx**

Marcos Cordioli

A Casa de Asterion

© Marcos Cordioli

Fotos: Marcos Cordioli

Diagramação: Shelby Programação Visual

Contatos com o autor:

email: marcos.cordioli@gmail.com

fone: +55 (41) 9962 5010

home page: cordioli.wordpress.com

home page: marcos.cordioli.sites.uol.com.br

twitter: twitter.com/marcoscordioli

myspace: www.myspace.com/marcoscordioli

facebook: marcos cordioli

Apontamentos sobre o método dialético em Karl Marx
/ Marcos Cordioli – Curitiba: A Casa de Astérion,
2009.

I. Introdução ao pensamento de Karl Marx.
Marxismo. Materialismo histórico e dialético. I.
Marcos Cordioli.

É totalmente impossível calcular o que o proletariado militante da Europa e da América e a ciência histórica perderam com este homem. Logo se fará sentir o claro que se abriu com a morte desta figura gigantesca.

(Engels, discurso diante da sepultura de Marx, 1894).

Títulos do autor pelo selo *A Casa de Asterion*

Currículo, cultura escolar e gestão do trabalho pedagógico [2004];

A formação de valores e padrões de conduta na sala de aula (notas para um debate conceitual sobre transversalidade) [2006];

Os projetos como forma de gestão do trabalho pedagógico em Sala de Aula [2006];

A relação entre disciplinas em Sala de Aula (a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a multidisciplinaridade) [2002];

Saber e conhecimento: um contraste necessário (para formulação das propostas curriculares e a gestão do trabalho pedagógico) [2006];

Ética, cidadania e formação de valores na sala de aula [2009];

A legislação Curricular Brasileira [2009].

Para Dr. Rosinha

Sobre o Autor

Marcos Cordioli é graduado em História (UFPr, 1988) e mestre em Educação: história e filosofia da educação (PUC-SP, 1997).

É professor universitário de graduação (desde 1994), de especialização *latu sensu* (em mais 20 IES); de mestrado (em uma IES); atua na qualificação docente (desde 1994 e prestou serviços para mais 50 redes públicas e dezenas de escolas particulares em 18 estados);

É consultor em gestão do trabalho pedagógico e proposições curriculares na Educação Básica (com serviços prestados para dezenas de instituições) e Superior (com trabalhos prestados para mais de 20 IES);

É palestrante e conferencista (atuou em mais 300 eventos); consultor técnico de publicações didáticas (prestou serviços para mais de uma dezena de editoras) e de sistemas de ensino (prestou serviços para a maioria dos grandes empresas do país);

É consultor pedagógico na área de Educação Corporativa (prestou serviços para empresas na área de refino de petróleo e montadoras automotivas).

Publicou artigos, livros e materiais didáticos (na área de informática e história e geografia para Ensino Fundamental e médio).

É cineasta. Produtor Associado do filme *O Sal da Terra* (Brasil, 2008) de Eloi Pires Ferreira. Diretor de Produção (com Elói Pires Ferreira) de *Conexão Japão* (Brasil, 2008) de Talício Sirino. Produtor Executivo de *Curitiba Zero Grau* (Tigre Filmes e Labo), *Brichos: a floresta é nossa* (Tecnokena) ainda em produção.

Contato com a Autor

email: marcos.cordioli@gmail.com

fone: +55 (41) 9962 5010

home page: cordioli.wordpress.com

twitter: twitter.com/marcoscordioli

twitter Sala de Aula: twitter.com/saladeaula

myspace: www.myspace.com/marcoscordioli

facebook: [marcos cordioli](https://www.facebook.com/marcoscordioli)

APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO DIALÉTICO EM KARL MARX

Marcos Cordioli

A vasta obra marxiana, deixou como herança *um método*, o método da economia política; uma *concepção materialista dialética da história*, a partir da compreensão das relações sociais concretas da humanidade; e *uma teoria da revolução*, na qual a classe operária conhecendo os fundamentos da sociedade capitalista poderia tomar, de forma organizada, em suas mãos o fazer-se da história para construir uma nova forma de organização social - o socialismo, sem explorados nem exploradores. A obra e vida de Marx apresentam e propõe ao conhecimento intelectual uma objetivação concreta, expressada na última das teses para Feuerbach “os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” [MARX, 1989a, p. 14].

Na obra de Marx, o trabalho aparece como uma categoria fundamental da reflexão dialética. A ponto da base da produção intelectual de Marx se constituir fundamentalmente como reflexão sobre o trabalho na forma do modo de produção capitalista. O objetivo de Marx, no entanto, é o estudo da “produção material” ou mais especificamente, da “*produção dos indivíduos determinada socialmente*” [MARX, 1987, p 4].

Marx é interlocutor de duas importantes vertentes intelectuais de sua época, a filosofia alemã e a economia política inglesa. Na Alemanha, no século XIX, por outro lado, a “*filosofia* [de Hegel] *se convertera numa espécie de*

ideologia oficial” (Marx: vida e obra. In: MARX, 1987. p. VIII). A obra de Hegel e seus seguidores se constituíram nos interlocutores privilegiado de Marx¹, que questionou a concepção do real como resultado do pensamento, formulada pela filosofia hegeliana, contrapondo-a com a necessidade de inversão das relações pela redefinição da função do real e do abstrato no processo de produção do conhecimento.

O debate em torno da metodologia da economia se desenrolava a quase três séculos, pois a teóricos da fase revolucionária da burguesia, em particular Smith e Ricardo, correspondiam aos esforços de compreender a dinâmica econômica capitalista. Marx, com estes estudos, promoveu um grande debate com alguns destes economistas que lhe são contemporâneos, e mesmo anterior, criticando-os pelo ponto de vista que adotavam procurando mostrar o indivíduo desvinculado da determinação social apresentando as diversas formas do conjunto social, apenas como meio para o indivíduo realizar os seus fins privados [cf. MARX, 1987, p 4]. Pois para Marx *“as categorias exprimem, portanto formas de modos de ser, determinações de existência”* [MARX, 1987, p 21], portanto estes economistas estavam refletindo a partir da classe social a qual se integravam, ou seja, produziam a partir da ótica da sociedade capitalista.

As crises de 1825 e 1848 impulsionaram o pensamento de Marx e abrindo novas possibilidades teóricas e metodológicas. Pois em 1825 a primeira crise comercial do capitalismo, questionou as teorias de Smith de que *“a mão invisível do mercado”* equilibraria as diversas iniciativas individuais. A crise de 1848 provocada pela eclosão das revoluções democráticas na Europa marcou a entrada em cena do proletariado enquanto classe e em confronto com a burguesia.

Para Marx, a realidade (o concreto) seria composta de muitas diversidades, por isso se constitui numa *“síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso”* [MARX,

1987, p 16]. No método de Marx as determinações abstratas conduziriam à reprodução do concreto por meio do pensamento. Pelo método de Hegel e outros a representação volatiliza-se em determinações abstratas. Ao invés da abstração, para Marx, o concreto é racionalizado enquanto um processo de síntese, portanto um resultado de pesquisa (nesse caso em particular da economia).

O resultado teórico e metodológico deste debate foi à elaboração da definição de categoria. Para Marx, qualquer categoria tem de estar vinculada ao todo, jamais podem ser concebidas como independente. Para constituí-la é necessário tecer as diversas relações com as quais a categoria se insere (e, portanto se relaciona) como o real. Por isso que a

“mais simples categoria econômica, suponhamos, por exemplo, o valor de troca, pressupõe a população produzindo em determinadas condições e também certos tipos de família, de comunidades ou Estados. O valor de troca nunca poderia existir de outro modo senão como relação unilateral, abstrata de um todo vivo e concreto já dado” [MARX, 1987, p 17].

Marx delimita claramente em seu método, as categorias como “*produto de condições históricas, e não possuem plena validade se não para estas condições e dentro dos limites destas*” [MARX, 1987, p 20]. Esta concepção de Marx constitui a base do materialismo histórico, sendo que as categorias seriam formulações abstratas constituídas numa sociedade específica e válida exclusivamente para ela. Mesma as formas de sociedades anteriores que se mantém numa sociedade que lhe é posterior o fazem de forma distinta, pois “*(...) podem ser desenvolvidas, atrofiadas, caricaturadas, mas sempre essencialmente distintas*” [MARX, 1987, p 20].

As categorias só podem ser compreendidas a partir do todo, também exprimem as suas relações e articulações

com o todo, o é desta concepção que se pode produzir o conhecimento histórico, pois são estas articulações que “(...) *permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas*” [MARX, 1987, p 20]. O conhecimento (a significação para Marx) se constrói a partir dos vestígios remanescentes das ruínas e elementos constitutivos dessas sociedades que precederam ao capitalismo. Para Marx, então

“[...] a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. (...) [Assim como] A economia burguesa fornece a chave da Economia da Antigüidade, etc. Porém, não conforme o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e vêm a forma burguesa em todas as formas de sociedade. Pode-se compreender o tributo, o dízimo, quando se compreende a renda da terra. Mas não se deve identificá-los [MARX, 1987, p 20].

Marx apresenta sua posição definitiva neste que é um debate permanente na historiografia (tanto econômica, como nas demais): as categorias na história são exclusivas do período e da sociedade estudada. Vale lembrar Thompson, que sustentava posições semelhantes às de Marx, para quem a noção ou conceito “*é uma representação adequada (embora aproximativa) da seqüência causal, ou da racionalidade, desses acontecimentos, e conforma-se (...) a um processo que de fato ocorreu no passado*” [Thompson, 1981. p. 54].

Para Marx, as idéias *não explicam* a realidade, mas *se explicam* com a realidade. Pois, realidade e idéia se implicam mutuamente [cf. MARX, 1989a, p. 11-14], caberia então a seguinte questão: qual é o mecanismo operatório do conhecimento intelectual?

O processo intelectual é o de reflexão que culmina na explicação de seu objeto. Marx sugere o jogo de contrapontos como forma de aplicar uma dialética do real, que esquematicamente pode ser assim apreendida:

(a) da *aparência para a essência* e da *essência para a aparência*, (b) *das partes para o todo* e *do todo para as partes*; (c) *do singular para o universal* e *do universal para o singular*; e (d) *do presente para o passado* e *do passado para o presente*.

Este processo é de *mão dupla* - de um para outro e vice-versa - no qual pode-se desvelar as relações que constituem o objeto em movimento. A realidade é apreendida em suas partes, em suas dimensão e em seus elementos, que se articulam e cuja síntese se constitui na explicação.

Este processo compõe “dialéticas” - ferramentas do processo intelectual, mas que são mediadas, em cada abordagem, por diferentes determinação, que variam em três diferentes níveis: (a) as particularidade da origem do indivíduo ou grupo como: raça, classe, religião, contexto cultural, profissão, sexo, nível de educação; (b) a experiência social na perspectiva individual, ou seja cada indivíduo apreende de forma singular a experiência social na qual insere a sua vida; e (c) as determinações variam no tempo: mudam a sua influência sobre os indivíduos e os grupos.

Todos estes processos ocorrem em situações simultaneidades, mas por uma questão didática vamos examinar cada um deles separadamente:

A dialética do todo e as partes. O todo resulta das partes, mas não se constitui apenas numa somatória de todas as partes, pois cada parte - cada dimensão e cada elemento - está em movimento, logo é necessário - para compreender as partes - investigar as relações e os nexos à qual se integram ou que as constituem: o todo se funda nas partes, mas não se esgota nelas.

A dialética do singular e o universal. Na construção da explicação é necessário desvendar os elementos universais que constituem o singular - e são vários os universais que compõe um singular. O universal se

materializa no singular, e é apenas no singular que pode ser apreendido. Cada singular se liga a outros singulares de outros gêneros. Cada singular guarda uma parte, uma dimensão, um aspecto incompleto do universal; o universal se compõe de muitos singulares, cujas relações entre si determinam características mais ou menos comuns a todos e, portanto, universais.

Um determinado acontecimento histórico, por exemplo, é denotada com data determinada, com personagens nomeados e características aparentemente conhecidas. Estes elementos peculiares que delimitam as singularidades daquele determinado e singular acontecimento histórico. Mas é a partir destas singularidades que os elementos universais podem ser apreendidos, sejam no sentido da inscrição da data numa época histórica, da identificação dos vinculados dos personagens as suas classes sociais e da contextualização dos acontecimentos no processo histórico. Assim, um indivíduo não é uma representação completa de sua classe, mas a representação de sua classe necessariamente tem que considerar características deste indivíduo que são comuns a outros e que remete as características universais.

A dialética da aparência e da essência?. A realidade social não se apresenta imediatamente e não é transparente. O identificável no imediato são expressões do real, mas não é suficiente para mostrar a realidade como ela se formou, se movimenta e se transforma. É necessário apreender as dimensões diferentes para que possa se refletir sobre o nexo da realidade. Segundo Marx “*os nexos internos que constituem o real*” e neste sentido o que se busca é o significado da aparência.

A realidade se apresenta de várias formas, tais como quantificável, visível ou descritível, mas estas são apenas dimensões do trabalho intelectual. Estas facetas não apresentam em si a realidade, pois faz-se necessário avançar no sentido de apreender estes aspectos que

constituem o ser social em movimento. Para avançar além do visível é necessário ir interrogando a realidade, para captar os nexos internos constitutivos do real que não estão visíveis, em processos *reflexivos*. Os nexos internos compõem uma totalidade viva, aberta e em movimento, como por exemplo: uma máquina abandonada num canto é inútil; a mesma máquina inserida num processo produtivo é capital - o nexo de relações em que a máquina está inserida define a sua essência.

A dialética nos permite alcançar as *tendências*, mas nunca as *leis de causa e efeito*. A realidade histórica é uma realidade em movimento, sendo assim, não pode apresentar conexões estáticas causais, mecânicas, acabadas e definitivas, por mais aparentes que elas possam parecer.

Cabe lembrar ainda que a aparência por sua vez não é mera fantasia, nem invenção manipulada, nem mesmo ilusão. Mas uma resultante do nexo de relações sociais e assim sendo, a investigação das origens e funcionamento da aparência pode desvelar elementos importantes da realidade.

A dialética da existência e da consciência. Ao partirmos da constatação de que a realidade não se apresenta de forma transparente, temos que reconhecer que o entendimento das pessoas sobre as condições concretas em que a vida se realiza, também não é um entendimento lúcido e completo.

A consciência se forma entre condições - estabelecida pelos padrões sociais e pela experiência individual de cada um - mas é desafiada constantemente pelas condições concretas com as quais as pessoas se deparam. Neste sentido, a consciência também está em permanente mudança, sendo alterada pelos elementos que são retidos do passado e sobre os efeitos das situações do presente. A relação entre consciência e existência é mediatizada por uma série de determinação como a família, as crenças

religiosas, as relações de trabalho, as condições de gênero, os vínculos de etnia, entre outras, que produzem mediações de valores, condutas, linguagens, mitos, crenças, rituais etc.

A consciência, está diretamente liga as condições da atividade material e das relações sociais, como aponta Marx, indicando que a

“(…) produção de idéias, de representações, da consciência, está de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real” [Marx & Engels, 1989. p. 36.]

Como também afirma que os

“(…) os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” [Marx & Engels, 1989. p. 37.].

No capitalismo as idéias são fortemente ideologizadas, pois a tendência seria a do real ser apanhado apenas fragmentariamente e, freqüentemente este mesmo real é naturalizado, implicando numa visão estática e circunstancial do presente. A ideologia seria então apenas um fragmento da realidade que termina por invertê-lo. Assim,

“Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. E mesmo as formações nebulosas no cérebro dos homens são sublimações necessárias do seu processo de vida material, empiricamente constatável e ligado a pressupostos

materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. [Marx & Engels, 1989. p. 37].

A dialética do passado e presente. A historicidade para Marx (e também Engels), decorre da própria práxis humana. Esta se realiza a partir de algo ou de um conhecimento já existente, sobre a qual o ser humano agiria de maneira criativa - em função de suas necessidades - para transformá-la. Haveria a relação passado-presente: o nosso presente se produziria sobre a transformação do que herdamos do passado. As relações humanas estariam encharcadas de historicidades, pois toda ela - tanto a produção material como imaterial - se constitui num diálogo passado-presente. Marx, refletindo a partir desta perspectiva afirmou que os seres humanos fazem a sua própria história, mas dentro das circunstâncias legadas pelas gerações anteriores.

A história para Marx está centrada nas contradições sociais (mais do que nas contradições de classes) - ou seja: classe, lutas de classes, raças, etnias, culturas, religiões etc. A luta de classes pode fornecer as linhas mestras do movimento da história, mas há muito mais na realidade social, carregada de historicidade que decorre da práxis humana que se expressa na vida social organizada pelo trabalho.

O presente, visto à partir da dialética, é um momento de um movimento. É importante reconhecer também que todo acontecimento passado, se realizou num momento de presente³. Portanto, o objetivo do investigador, é recuperar este movimento, mostrando o acontecimento histórico como algo que não é estático ou unidimensional, pois todo acontecimento é resultante de um nexo de articulação tais como desenvolvimentos, desigualdades, disparidades e recomeços - um processo que se constrói numa dimensão temporal. Todo presente⁴ só pode ser compreendido a partir de um necessário

retorno ao passado que desvele as processualidades dos nexos que o compõe. Portanto, neste perspectiva pode-se afirmar que o presente só pode ser apreendido se tiver como patamar o passado.

A explicação do presente pelo passado não implica, no entanto, numa apreensão total do passado⁵: nem no sentido da totalidade dos eventos, nem num sentido enciclopédico. Cabe ao pesquisador desvelar quais são os elementos do passado que o presente requer para se desvelar.

Os exercícios intelectuais de Marx procuraram sempre retornar ao passado forjando as categorias que o ajudavam a explicar os acontecimentos, tanto do passado como do presente. A historicidade do real pela reflexão dialética é dada pelas categorias teóricas, o que ocorre pela apreensão de suas diversas manifestações, dos vários nexos e em suas múltiplas determinações, que nos remete a uma forma de compreensão que é a sua explicação.

Marx ainda apontou que a história se faz mais universal quanto mais forem desenvolvidas as forças produtivas e com as relações sociais. Uma percepção interessante para o século XIX, período em que o capitalismo iniciava o processo de mundialização da sociedade humana⁶, integrando todos os povos e culturas do planeta a nexos similares constitutivos de suas vidas, presentes e histórias.

A preocupação de Marx com a historicidade e com a dialética passado-presente, vai além da compreensão do presente ou de um acontecimento histórico. Ocupa-se da percepção de que o presente deveria ser compreendido como uma articulação de nexos que vem sendo desenvolvidos no passado, estabelecendo o patamar donde pode-se buscar as condições e possibilidades de construção do futuro. Uma condição importante para quem está preocupado *pensar o mundo*

para mudá-lo, e particularmente, para quem aliou todo o seu esforço histórico a pensar uma teoria da revolução.

A noção de totalidade dialética. O real, segundo a teoria marxiana, enquanto um objeto de pesquisa não pode ser conhecido na sua plenitude. A reflexão dialética é um trabalho intelectual que culmina numa recriação do real e o seu ofício é o de desvelar as manifestações; os nexos e as determinações dos processos sociais.

Para Marx, a totalidade dialética é histórica, aberta e em movimento. A totalidade também não é única, pode-se verificar a existência de várias totalidades inscritas em totalidades maiores. Portanto, também como movimento reflexivo entre totalidades.

Estes processos de desvelamento procedem da *aparência para a essência e da essência para aparência*, do *singular para o universal e do universal para o singular*, das *partes para o todo e do todo para as partes*. E pode-se acrescentar *do passado para o presente e do presente para o passado*. Apanhar o concreto - o conjunto de partes, dimensões e elementos que constituem as relações e os nexos, da realidade em suas múltiplas determinações - é explicar o concreto, é traduzi-lo em *concreto pensado*.

A contradição, superação e totalização. A realidade é contraditória - as partes, as dimensões e os elementos que constituem as determinações, produzem relações e nexos em contextos de contradições. A realidade não é passiva e homogênea, mas heterogênea e contraditória e todas estas contradições são historicizadas à medida que se redefinem e se reorganizam, se criam e se recriam a todo instante.

A dialética trata a contradição a partir do princípio da qualidade, isto significa a superação do princípio da quantidade, empregada por outras correntes filosóficas. O resultado da contradição não é uma nulidade, mas a constituição do movimento, pois todas as coisas estão

em contradição com as outras coisas e consigo mesmo. Por isso é que Marx considera a contradição como “[...] *fundamento explicativo por excelência da dialética*” (Marx, 1985, vol. II). O movimento que impele as transformações é expressão das contradições, pois é quem desestabiliza os equilíbrios; questiona as certezas e abala as estruturas (algumas das vezes revolucionariamente).

É da contradição que a dialética constrói a categoria de revolução, pois esta é resultante - enquanto possibilidade histórica - do acirramento das contradições entre forças antagônicas presentes na realidade. O movimento promove a superação dos processos colocando-os em outros patamares com novas formas de contradições ou com o re-situamento das antigas. Neste sentido as contradições e superações se colocam num processo de novas totalizações, mas sempre em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. 7. Ed. São Paulo, Hucitec, 1989a. p. 11-14.
- MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã (Feuerbach)*.. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MARX, Karl. *O Capital*. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 5 vol.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e outros textos escolhidos*. 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 2 vol.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- Dicionário do pensamento marxista. Tom Bottomore (Ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.


- ¹ Vale ressaltar, que Marx, enquanto militante, travou grandes polêmicas com anarquistas e socialistas no curso de sua vida.
- ² Um leitura indicada é o capítulo MARX, Karl. A fórmula trinitária. In: — . *O Capital*. Vol. III. Este texto pode ser lido autonomamente e se constitui numa ótima aplicação da dialética da aparência e da essência.
- ³ Ver: THOMPSON, E. P. “Intervalo - a lógica história”. In: *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica a Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ⁴ No presente do acontecimento a ser estudado.
- ⁵ Como desejaram diversos historiadores positivista e estruturalistas do final do século XIX e início do século XX. Mais notadamente o esforço da Escola dos Annales em compor uma “História Universal” assentada numa densa produção de histórias regionais.
- ⁶ Ver neste sentido HOBBSBAWN, Eric. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1981.

Nota do autor

O autor agradece:

1. a comunicação de erros.
2. opiniões sobre o texto, inclusive sobre passagens com redação inadequada.
3. o envio de textos dos leitores no qual o autor foi citado.

E-mail para contato: marcos.cordioli@gmail.com

A dark night scene with a bright starburst light source and a horizontal light strip. The starburst is a bright yellow-white light with many rays emanating from it, set against a dark background. To its right, there is a horizontal, glowing yellow light strip that appears to be part of a structure or a light fixture. The overall atmosphere is mysterious and dramatic.

**As publicações do selo A Casa de Asterion
podem ser livremente copiados
digitalmente ou por fotocopiadoras. No
entanto, não podem ser vendidos. Os
autores disponibilizam estas publicações
como esforço para a democratização da
informação e do conhecimento.**

A Casa de Asterion